

Medicalizar não é solução



SÉRIE COMUNICAÇÃO POPULAR CRP SP

**V. A psicologia e sua interface
com a medicalização**



**Conselho Regional
de Psicologia SP**

Conselho Regional de Psicologia de São Paulo - CRP SP

XIII PLENÁRIO (2010-2013)

DIRETORIA

Presidente Carla Biancha Angelucci

Vice-presidente Maria de Fátima Nassif

Secretário Luís Fernando de Oliveira Saraiva

Tesoureiro Leandro Gabarra

CONSELHEIROS EFETIVOS

Ana Ferri de Barros, Carla Biancha Angelucci, Carolina Helena Almeida de Moraes Sombini, Fernanda Bastos Lavarello, Gabriela Gramkow, Graça Maria de Carvalho Câmara, Janaína Leslão Garcia, Joari Aparecido Soares de Carvalho, Leandro Gabarra, Luís Fernando de Oliveira Saraiva, Luiz Tadeu Pessutto, Maria de Fátima Nassif, Mariângela Aoki, Maria Orlene Daré, Patrícia Unger Raphael Bataglia, Teresa Cristina Lara de Moraes.

CONSELHEIROS SUPLENTES

Alacir Villa Valle Cruces, Cássio Rogério Dias Lemos Figueiredo, José Ricardo Portela, Lilihan Martins da Silva, Luiz Eduardo Valiengo Berni, Marília Capponi, Marly Fernandes dos Santos, Rita de Cássia Oliveira Assunção, Roberta Freitas Lemos, Rosana Cathya Ragazzoni Mangini.

XIV PLENÁRIO (2013-2016)

DIRETORIA

Presidente Elisa Zaneratto Rosa

Vice-presidente Maria Ermínia Ciliberti

Secretário Luís Fernando de Oliveira Saraiva

Tesoureira Adriana Eiko Matsumoto

CONSELHEIROS EFETIVOS

Adriana Eiko Matsumoto, Ana Paula Porto Noronha, Aristeu Bertelli da Silva, Elisa Zaneratto Rosa, Gabriela Gramkow, Graça Maria de Carvalho Camara, Guilherme Luz Fenerich, Ilana Mountian, Janaína Leslão Garcia, Joari Aparecido Soares de Carvalho, José Agnaldo Gomes, Luís Fernando de Oliveira Saraiva, Maria Ermínia Ciliberti, Marília Capponi, Moacyr Miniussi Bertolino Neto.

CONSELHEIROS SUPLENTES

Alacir Villa Valle Cruces, Bruno Simões Gonçalves, Camila de Freitas Teodoro, Dario Henrique Teófilo Schezzi, Gustavo de Lima Bernardes Sales, Jonathas José Salathiel da Silva, Livia Gonsalves Toledo, Luiz Eduardo Valiengo Berni, Maria das Graças Mazarin de Araujo, Mirnamar Pinto da Fonseca Pagliuso, Regiane Aparecida Piva, Sandra Elena Sposito, Sergio Augusto Garcia Júnior, Silvio Yasui.

GLOSSÁRIO

Tristeza não é doença

O garoto só queria atenção

A vida não cabe numa pílula

Infeliz no trabalho

Saindo do isolamento



Mas o dotô nem examina
🎵 Chamando o pai do lado
Lhe diz logo em surdina
Que o mal é da idade
Que prá tal menina
Não tem um só remédio
Em toda medicina... 🍬

O Xote das Meninas,
Luiz **Gonzaga**





No mundo tem que CABER todo mundo

De acordo com a última contagem, nós, os humanos, alcançamos o incrível número de **7 bilhões** de seres sobre o planeta Terra. Dentre esses 7 bilhões há uma diversidade espetacular. Basta imaginarmos que cada qual é cada qual. Então, podemos dizer que há bilhões de **subjetividades** – isto é, **jeitos** de pensar, de sentir, de se comportar e se relacionar – inspirando e respirando juntos e ao mesmo tempo.

Mas, apesar da diversidade, é evidente que há também um esforço daqueles que detêm os poderes político, econômico, de mídia, militar etc. em transformar aqueles que **discordam, desafinam e desafiam** em seres que aceitam, concordam, copiam. Há um esforço para anular diferenças. Porque, muitas vezes, ser diferente não é visto como normal. Muitos esperam que as pessoas tenham um jeito e um comportamento padrão. Entre as ações de tornar “tudo igual”, de pregar um “comportamento único” está a medicalização.

Medicalizar, muito além de recomendar remédios, é pôr a **culpa na pessoa** pelo jeito que ela é e, também, pelos problemas que ela vive. É tirar a responsabilidade do sistema político-social-econômico, além de enfraquecer as respostas coletivas.

Pessoas respondem aos desafios de forma diferente

Cada indivíduo tem seu **ritmo próprio** para aprender, para vivenciar uma vitória, para elaborar uma perda. Ou seja, cada indivíduo tem um calendário interno para **crescer como pessoa**.



Tristeza não é doença



Foram vinte e sete anos de um bom casamento.

"Não tenho vontade de sair. Não acho graça em nada",

ela afirmava.

No final da história, funcionou o maior remédio de todos: o tempo.

Pouco a pouco, ela foi tomando gosto pela vida, se alegrando.

As amigas estavam preocupadas. Uma delas disse:

"Seguir triste desse jeito não é normal. E se você tomasse um remedinho para se animar? Prá que sofrer?"



Além de cada um ter sua singularidade, nenhum ser humano é uma ilha. A gente age e reage conforme a **circunstância** e o **contexto**. Isso faz com que, para resolver muitos problemas e para superar dificuldades, a gente tenha que **alargar** o olhar e ver a floresta além das árvores.



**PERGUNTAS
QUE NÃO PODEM
FALTAR:**

A escola é Boa?

O emprego é digno?

O serviço de saúde é eficiente?

A família conversa?

A sociedade aceita as diferenças?

É bom lembrar que se o mundo faz a gente,
a gente também faz o mundo.

A medicalização da vida

Dificuldades, conflitos, sofrimentos são parte de qualquer vida.

Conversar sobre nossas dificuldades pode não resolver, mas ajuda a gente a ficar mais **forte** para entender e enfrentar a realidade. Já os **inevitáveis conflitos** podem ser solucionados com **diálogos e negociações**. Uma parte cede um pouquinho aqui, a outra cede um pouquinho ali e chega-se num **caminho do meio**.

Sofrer não é escolha, mas vai acontecer em vários momentos ou fases da vida de todo mundo. No entanto, coletivizar o sofrimento ajuda a torná-lo mais suportável e aponta caminhos para sua superação. Pois coletivizar significa pensar como o mundo em que vivemos e a vida que levamos nos fazem sofrer.

E aí, é preciso também mudar o mundo e mexer na vida. Soluções coletivas fortalecem a comunidade, a vizinhança, a rede de pessoas.



Medicalização na Escola

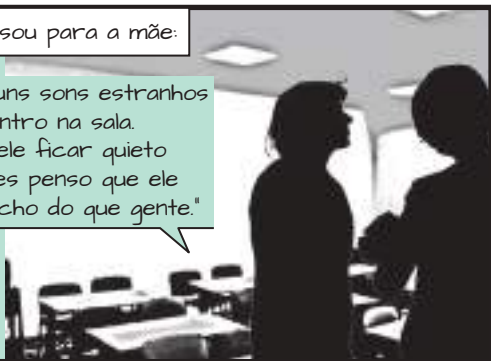
Estamos vivendo tempos de turbulência. O mundo - impulsionado pela internet, redes sociais, celulares - tem virado de cabeça para baixo. A Escola como um todo está vivendo tempos de novas definições.

Muitos alunos questionam o conteúdo das matérias e como esse conteúdo é transmitido. **Há um mal-estar.** Os alunos mais novos muitas vezes não conseguem verbalizar suas críticas e propostas de mudança. O que conseguem é expressar desobediência, rebeldia, agitação.

O garoto só queria atenção

A professora avisou para a mãe:

"Seu filho faz uns sons estranhos toda vez que entro na sala. Eu peço para ele ficar quieto e nada. Às vezes penso que ele parece mais bicho do que gente."



A mãe se desesperou e falou para o pai:

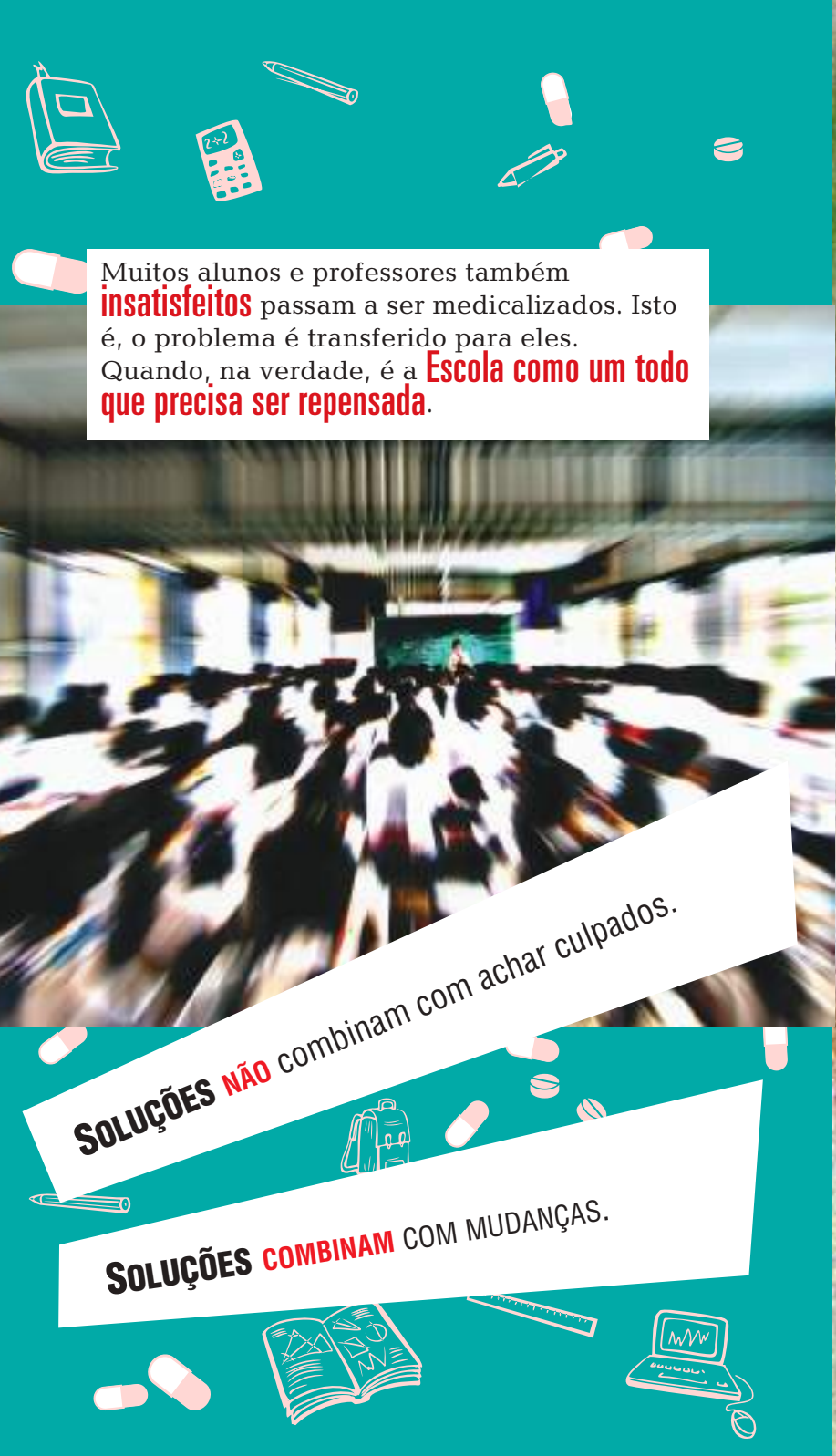
O pai disse que cuidar de criança pequena era obrigação dela, a mãe. Que se virasse, por favor!

"Eu não dou mais conta. Vê se dá um jeito neste menino!".

Por fim, a professora disse para a mãe procurar ajuda externa. Ir atrás de especialistas que diagnosticassem os urros do menino. Começou a maratona. Foi em vão. Até que um dia, o próprio garoto resolveu pôr fim à situação:

"Professora, a senhora só dá atenção para mim quando faço ummmmmuummm."

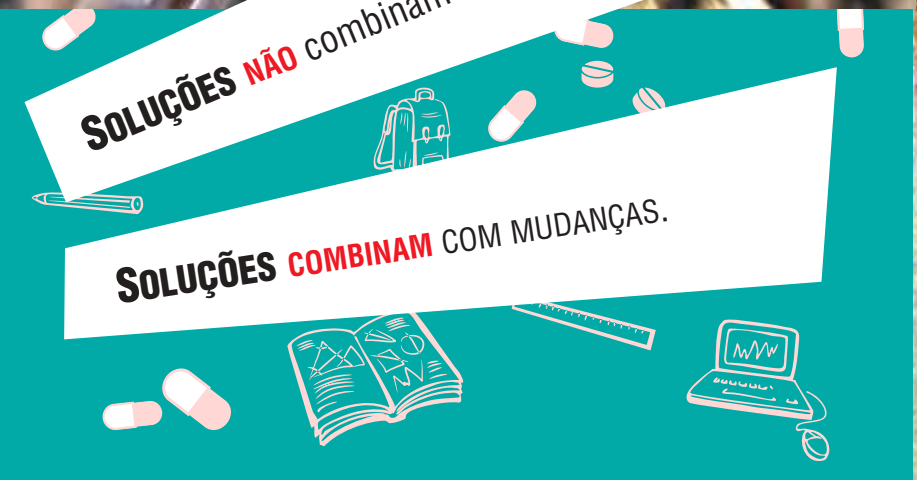




Muitos alunos e professores também **insatisfeitos** passam a ser medicalizados. Isto é, o problema é transferido para eles. Quando, na verdade, é a **Escola como um todo que precisa ser repensada.**



SOLUÇÕES NÃO combinam com achar culpados.



SOLUÇÕES COMBINAM COM MUDANÇAS.

**ROTEIRO DE
PERGUNTAS:**

O que podemos mudar
na escola?

Eu participo de reuniões
do Conselho da Escola?

Os alunos têm um grêmio?

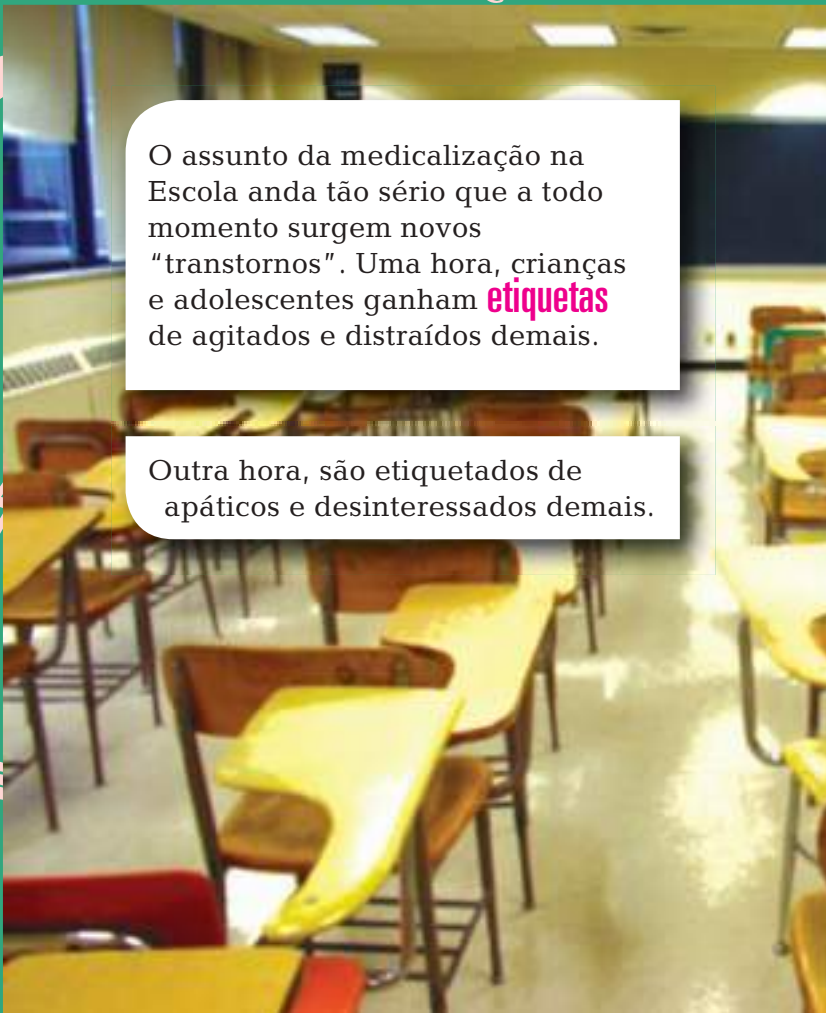
Como a comunidade pode
ajudar a Escola?

Como a Escola pode
ajudar a comunidade?



O assunto da medicalização na Escola anda tão sério que a todo momento surgem novos "transtornos". Uma hora, crianças e adolescentes ganham **etiquetas** de agitados e distraídos demais.

Outra hora, são etiquetados de apáticos e desinteressados demais.



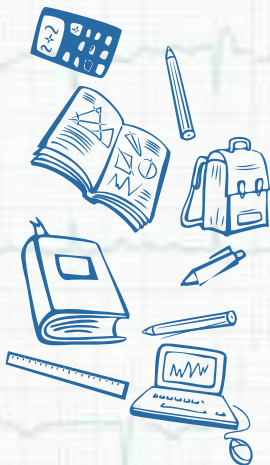
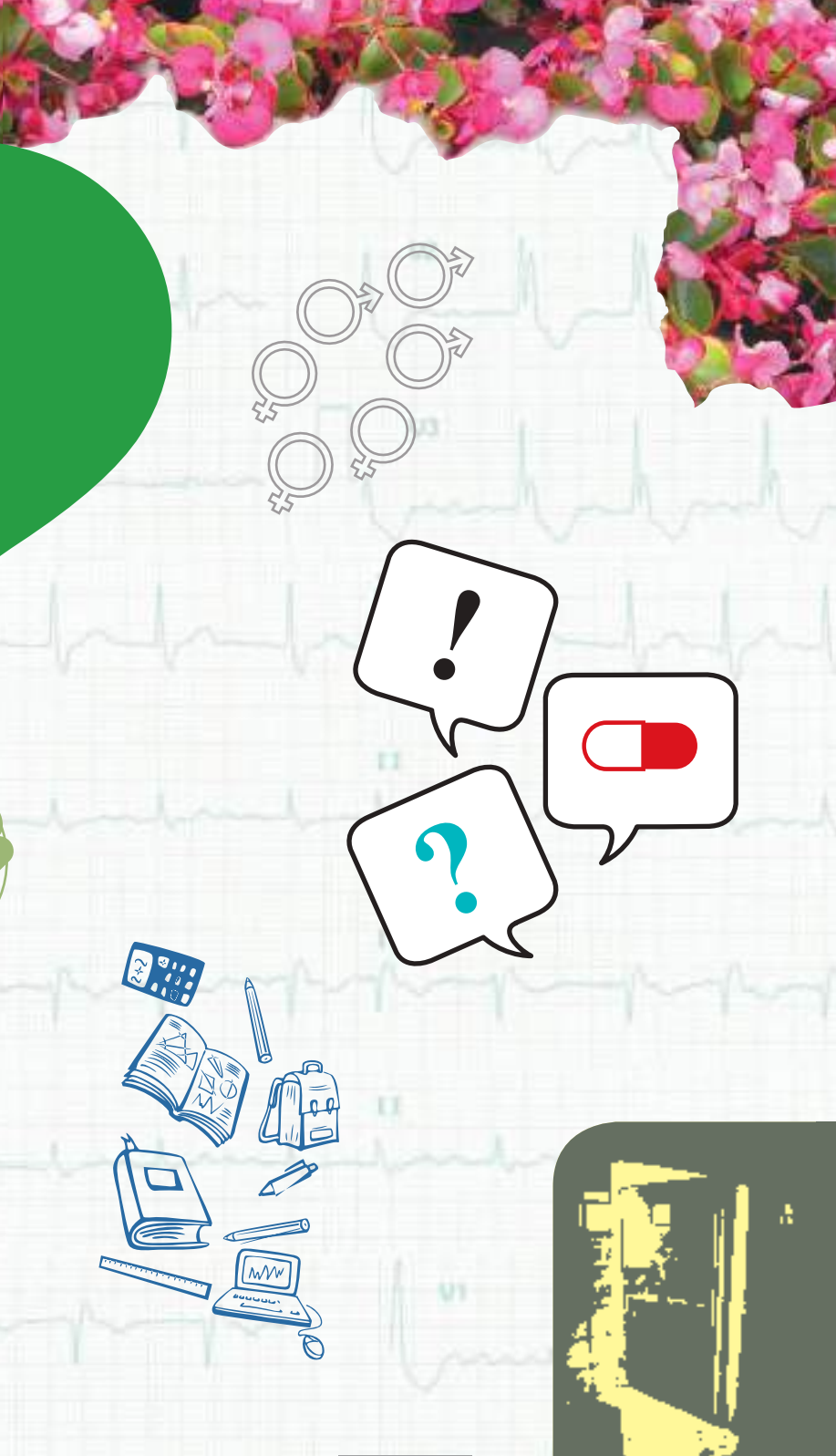


É comum que transtornos de comportamento sejam tratados com remédios e com uma série de especialistas - médicos, psicólogos, fonoaudiólogos etc. Com a ideia de que eles sosseguem o que está agitado, façam ficar quieto o que está irrequieto. Mas o resultado é parecido com jogar a sujeira debaixo do tapete.

Mas só remédios, só diagnósticos, só tratamentos com vários especialistas é **esconder** o problema.







A vida não cabe numa pílula

Toda estilosa, bonita até, ela foi abrindo a bolsa e...

Este para
tristeza profunda.

Este para
aguentar
minha chefe.

Este para
suportar meu
colega.

Este para
encarar o trânsito.

Este para
o medo.

Este para atrair
namorado bonito.

Este para
dor de cotovelo.

Este para
conversar com
meu irmão.

Este para
bola murcha.

Este para
o estresse.



..descrevendo cada comprimido que usava:

Este para
sofrimento
em geral.

Este para
a solidão.

Este para a
falta de fé.

Este para
o tédio.

Este
para
côlica.

Este para
emagrecer.

Este para a
falta de sentido
da existência.

Este para
não sentir dor
física e mental.

Este para
enxaqueca.

Este para
dormir.

Este para
melhorar a
autoestima.

Este para
gerenciar o
ciúmes.

Este para
acordar.

E este, o último, é para viver.

Sozinho tudo é mais difícil

Já pensou que o problema que você está passando é um problema comum a outras pessoas?

Por exemplo, seu filho está com dificuldades na escola. Será que a filha da vizinha, ou filho da sua prima também não estão passando pela mesma situação?

É importante **trocar figurinhas** sobre isso e encontrar algumas estratégias.





Medicalização no trabalho

Nem todas as pessoas reagem da mesma maneira frente às exigências do mundo do trabalho. Principalmente, quando o trabalhador se sente insatisfeito com sua **rotina** e seu **salário**.

O problema é que muita gente acha que o trabalhador tem que sofrer calado e se conformar. Muitos acham que o fato de estar empregado já é suficiente para se sentir bem.

Mas há pessoas que não se sentem felizes com sua situação de trabalho. Se tornam desmotivadas e até amarguradas.

Aí entra também a medicalização. A culpa acaba sendo do indivíduo e não do sistema.

É ele que não se adapta.
Ele que faz corpo mole.
Ele que é fraco.

Será?

Infeliz no trabalho

Foi acontecendo aos poucos. Primeiro, ele perdeu a concentração.



Depois foi ficando desinteressado. Já entrava no emprego contando as horas para o expediente acabar.

Novos projetos, desafios?
Ele sentia arrepio só de pensar.

Dai foi ficando deprimido e um amigo aconselhou que ele tomasse um medicamento para curar o tédio que sentia.

Nos primeiros meses até que funcionou. Ele ficou mais animadinho.

Mas, vida que corre, voltou a se desinteressar, até mesmo a odiar sua vida profissional.

Foi então que acendeu a luz:

"E se eu procurar outro emprego?
Ou mesmo mudar de ramo?"

Foi o que ele fez.

Hoje, é um sujeito mais feliz.



**PERGUNTAS QUE
PODEM AJUDAR:**

Todo trabalho tem que ser doloroso?

O trabalho não podia ser mais criativo?

O trabalhador não merece ser mais valorizado?

Como as pessoas se relacionam no trabalho?

Medicalização do comportamento

A normalidade é uma construção cultural. Chamamos de normal o que a maioria pensa e faz, aquilo que a sociedade em que vivemos acha aceitável. No entanto, **a humanidade não se restringe à maioria**. Isto é, nem sempre pensamos e sentimos como a maioria – o que **não** significa que seja um problema!

Por exemplo, há pessoas que manifestam afetividade e sexualidade que, apesar de legítimas, sofrem preconceitos e discriminações. Entre elas, estão lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transgêneros.

Saindo do isolamento

Meu problema não foi descobrir que eu era um homem que amava outros homens.



Percebi isso tão cedo que sempre foi natural.

Meu problema foi o preconceito dos outros.

sofri.

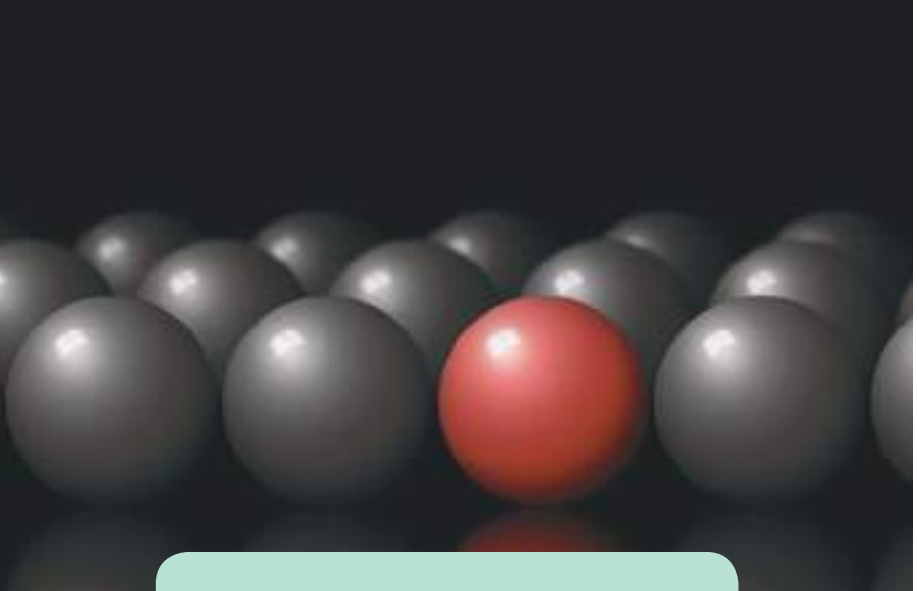
Acho que a vida melhorou quando percebi que não estava sozinho.

Quando descobri que o mundo está cheio de homens que sentem o que eu sinto.

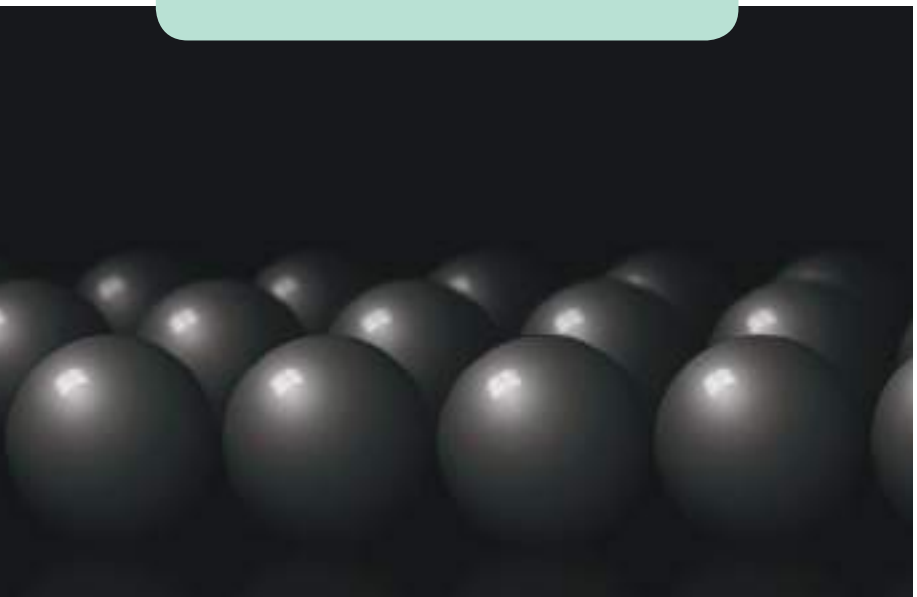
E são felizes.

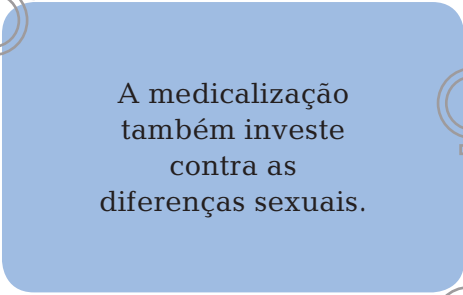
Sei lá, foi como acender uma luz.



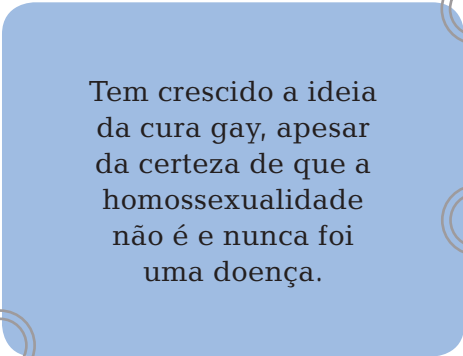


Uma das maneiras de evitar
que as pessoas sofram com
suas diferenças é **aceitá-las**
do jeito que elas **são**.
Da mesma maneira que se
respeita o jeito da maioria.





A medicalização
também investe
contra as
diferenças sexuais.



Tem crescido a ideia
da cura gay, apesar
da certeza de que a
homossexualidade
não é e nunca foi
uma doença.

Dicas de convivência

**Viva a sua vida e
permita que os outros
vivam a deles.**

Quem julga menos,
vive mais feliz.
Todo mundo tem direito
a viver sua sexualidade
do jeito que quiser.



A CONVERSA NÃO ACABA AQUI,

NA VERDADE ELA COMEÇA AGORA

Esta cartilha foi feita com **carinho** para você.

Não há nenhuma intenção em sermos donos da verdade.

O objetivo é justamente dialogar, trocar pontos de vista.

Acreditamos que precisamos pensar - e muito! - nas coisas da vida.

sonho que se sonha só

É só um sonho

que se sonha só

Mas sonho

que se sonha junto

é **realidade**

Raul Seixas



PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DO CÓDIGO DE ÉTICA DOS PSICÓLOGOS

I. O psicólogo baseará o seu trabalho no respeito e na promoção da liberdade, da dignidade, da igualdade e da integridade do ser humano, apoiado nos valores que embasam a Declaração Universal dos Direitos Humanos.

II. O psicólogo trabalhará visando promover a saúde e a qualidade de vida das pessoas e das coletividades e contribuirá para a eliminação de quaisquer formas de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

III. O psicólogo atuará com responsabilidade social, analisando crítica e historicamente a realidade política, econômica, social e cultural.

IV. O psicólogo atuará com responsabilidade, por meio do contínuo aprimoramento pro-

fissional, contribuindo para o desenvolvimento da Psicologia como campo científico de conhecimento e de prática.

V. O psicólogo contribuirá para promover a universalização do acesso da população às informações, ao conhecimento da ciência psicológica, aos serviços e aos padrões éticos da profissão.

VI. O psicólogo zelará para que o exercício profissional seja efetuado com dignidade, rejeitando situações em que a Psicologia esteja sendo aviltada.

VII. O psicólogo considerará as relações de poder nos contextos em que atua e os impactos dessas relações sobre as suas atividades profissionais, posicionando-se de forma crítica e em consonância com os demais princípios deste Código.

Estranhou a postura do psicólogo?
Converse com ele e, se necessário, procure o CRP.

Conheça o Código de Ética na íntegra e outras legislações no site do CRP:
www.crp.org.br

IBEAC

Coordenação Editorial

Bel Santos Mayer

Vera Lion



Pesquisa, entrevistas e criação de textos

Fernanda Pompeu

(11) 9.9991-7159

fpompeu@uol.com.br

Projeto gráfico, imagens, diagramação e edição de arte

Celso Linck

**conteúdo a partir de entrevistas com Ana Ferri de Barros, Carla Biancha Angelucci e Mirnamar Pagliuso.*

Imagens a partir de <freeimages.com>